



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de formatura de turmas do Plano Setorial de Qualificação e Inserção Profissional para o Bolsa Família (PlanSeQ-BF) na região metropolitana de Belo Horizonte**

**Belo Horizonte-MG, 31 de julho de 2009**

Se vocês tiverem um pouco de paciência, eu – embora esteja com a dona Marisa me esperando, porque eu saí de casa ontem de manhã, já fui a São Paulo, já fui ao Rio de Janeiro, já encontrei com a Jô Moraes, em Campina Grande, na Paraíba – mas eu queria cumprimentar os nossos companheiros, porque quando a gente colhe um fruto de qualidade na árvore que a gente plantou, a gente precisa dizer quem ajudou a gente a plantar essa árvore. Eu não poderia deixar de agradecer o trabalho extraordinário que o companheiro Patrus vem fazendo à frente do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; eu não poderia deixar de agradecer o extraordinário trabalho que o companheiro Lupi vem fazendo no Ministério do Trabalho; eu não poderia deixar de reconhecer o trabalho que essa revelação, chamada Luiz Eduardo Barretto, vem fazendo no Ministério do Turismo; e não poderia deixar de agradecer o trabalho, muitas vezes, que não aparece tanto na imprensa como outros, mas que tem me dado uma garantia extraordinária, que é o trabalho que o mineiro Luiz Dulci faz na Secretaria-Geral da Presidência da República.

Também não poderia deixar de reconhecer, na frente de todos vocês que estão aqui, os deputados que têm nos ajudado. Muita gente fala do Congresso, muita gente fala, mas a verdade é que se a gente for pegar perdas e ganhos, o País ganhou muito mais com a atuação dos deputados do que perdeu, e sobretudo o governo, que teve todos os projetos importantes aprovados.



Eu queria cumprimentar alguns companheiros que estão aqui,

A companheira deputada federal Jô Moraes,

O companheiro deputado Ademir Camilo,

O companheiro deputado Miguel Corrêa Júnior

O nosso companheiro, ex-ministro da Saúde, Saraiva Felipe,

O nosso querido companheiro Virgílio Guimarães,

Queria cumprimentar o companheiro prefeito Marcio Lacerda e dar os parabéns ao Marcio pela parceria que ele tem conseguido construir com o governo federal e com o governo estadual. E, parabenizando o Marcio, eu não poderia deixar de também agradecer o trabalho extraordinário que o nosso querido companheiro Fernando Pimentel, que está aqui, fez quando era prefeito de São Paulo. Eu digo sempre... (incompreensível) de Belo Horizonte. Eu digo sempre que um político sem mandato, nem o vento bate nas costas. E o companheiro Pimentel deixou de ser prefeito, mas não deixou de ser personalidade de Minas Gerais, portanto, ele deveria estar aqui, junto conosco, no palco das autoridades.

Eu espero que quando eu deixar a Presidência da República, que eu estiver em um ato, vocês me chamem, pelo menos para ficar em um cantinho ali, e não esqueçam de mim tão rapidamente. Não é o povo que esquece, é a (incompreensível) que, às vezes, é assim mesmo.

Quero cumprimentar todos os companheiros secretários estaduais,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria do Carmo Lara Perpétuo, prefeita de Betim,

Quero cumprimentar a nossa companheira Maria Auxiliadora, prefeita em exercício de Rio Acima,

Quero cumprimentar o nosso companheiro, prefeito Herbert Fernando de Oliveira, prefeito em exercício de Florestal,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos Roberto Rodrigues, prefeito de Nova Lima,



Quero cumprimentar o companheiro Adair Dornas dos Santos, prefeito de Rio Manso,

Quero cumprimentar o nosso bispo, dom Joaquim Giovani Mol, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte e reitor da PUC de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o nosso companheiro e parceiro Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil,

Quero cumprimentar o companheiro Olavo Machado, presidente interino da Federação das Indústrias do estado de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o Walter Bernardes de Castro, presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o Paulo Solmucci Jr., presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes,

E quero cumprimentar a nossa querida companheira Almerinda Alves dos Santos, a companheira que fez o discurso aqui, em nome de quem cumprimento os demais alunos e formandos do Plano Setorial de Qualificação e Inserção Profissional para os beneficiários do programa Bolsa Família,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,

Quero cumprimentar quem não está estudando no PlanSeQ,

O Arnaldo Godoy, que está me vendo ali, com dois “zoião” ali. Ele não está vendo, mas está me sentindo, certamente ele está acompanhando de onde vem a minha voz.

Quero começar falando de duas personagens deste curso. A primeira personagem, Patrus, é uma companheira chamada Mônica Rodrigues Coelho de Azevedo Barroso. Foi ela que recebeu aqui a primeira assinatura na carteira de trabalho nesta solenidade. A Mônica tem 28 anos de idade, parece que tem 22, e quando começar a trabalhar vai ficar com 21. A Mônica tem uma enorme responsabilidade. Ela cria sozinha os dois filhos: Júlia, de 11 anos, e Luiz Eduardo, de 6 anos. Trabalha de faxineira e vende perfumes da Avon de porta



em porta. Complementa o orçamento com o Bolsa Família, única renda fixa dela. Mas a partir de hoje tem uma nova profissão. Mônica, agora, é pedreira, com muito orgulho. E, por favor, quem quiser fazer um puxadinho na sua casa a partir de agora, convoque a Mônica que, em horas vagas, ela vai fazer um bico para aumentar o salário dela.

A Mônica agora, ela vai começar ganhando R\$ 616 da Construtora Líder. Portanto, ela já vai ganhar, praticamente, oito Bolsas Família com o seu primeiro emprego. Ela vai começar como meio-oficial. Eu, quando me formei torneiro mecânico, também comecei trabalhando de meio-oficial, e vejam onde eu cheguei. Significa que um caminho a percorrer não é impossível. Ela vai pegar mais prática, mas eu tenho certeza que depois de alguns meses ela será contratada como oficial e aí a Líder vai ter que aumentar um tiquinho o salário dela, porque se meio-oficial ganha R\$ 600, um oficial inteiro deve ganhar uns 1.200, no mínimo, é uma lógica matemática que ...

Bem, eu não sei se a imprensa... eu não sei se tem meio jornalista, tem? Meio-oficial? Não tem, porque ou escreve ou não escreve, né? Bem, durante o treinamento, a nossa querida Mônica pegou tanto amor pela nova profissão, que ela pretende ir além. Ela quer ser tecnóloga em construção civil, portanto, o dono da Líder pode se preparar que a menina está pensando em dar passos muito mais altos, ou seja, ela não quer voar apenas como um pardal, ela quer voar como uma águia, ela quer ir muito mais longe do que a gente está pensando.

Bem, e o que ela está esperando? Ela está só esperando o Senai abrir o curso para fazer a matrícula. Portanto, a Federação das Indústrias daqui comece a se preparar porque a Mônica tem pretensões e já está reivindicando aqui no meu discurso, publicamente. Mas, neste momento, a grande preocupação da Mônica é convencer o filho de seis anos de que mulher pode, sim, trabalhar na construção civil. Mas o menino, chamado Luiz Eduardo, até hoje só tinha visto homens exercendo a profissão. Ele morre de medo de que a



mãe muda de sexo. Chegou a perguntar: “Mãe, quer dizer que você agora vai ser meu pai?”. Um dia desses, a Mônica foi para casa usando macacão e capacete. Só assim o pequeno Luiz Eduardo começou a entender que a mãe continua sendo mulher, mesmo com roupa de pedreiro.

Meus parabéns, querida Mônica. Não diminua nunca as tuas pretensões e as tuas perspectivas. Quanto mais pobre a gente for, mais sonhar grande a gente tem que sonhar, porque a nossa vida é curta e não há tempo de se contentar com o que a gente tem. Nós precisamos sempre buscar o máximo.

Outra companheira é a Virgínia Gregório Barbosa. Aos 40 anos, Virgínia resolveu botar a mão na massa. Aprendeu a operar betoneira, levantar parede, nivelar tijolo, tudo o que a nova profissão exige. Diz ela: “A mulher tem capacidade de fazer qualquer trabalho”, afirma, com muito orgulho. Virgínia também cria os dois filhos sozinha, com a ajuda do Bolsa Família. O benefício é investido nos filhos: Patrícia, que tem 14 anos, e Marcos Alexandre, de 10 anos. É com o Bolsa Família que Virgínia paga curso de informática para Patrícia e aula de esforço [reforço] escolar para Marcos, além de calçados e uniformes, como ela conta. Diz ela: “Roupa de marca, eu não compro porque não posso, nem os meus filhos precisam. Mas o tênis e o uniforme têm que estar sempre com a aparência de novos. Criança não pode sair de casa toda ruça”. Eu não entendi porque o ruça, mas ela diz: “Criança não pode sair de casa toda ruça, com uniforme velho, desbotado. Tem que ir para a escola bem apessoada, porque assim tem até mais incentivo em aprender”.

Pensando bem, a nova profissão de Virgínia não é assim tão nova. Aos dez anos de idade, ela ajudou a construir a casa da família. Diz ela: “Carreguei tijolo, carreguei areia, ajudei a virar a massa, virei até concreto”, conta, orgulhosa. A pedreira Virgínia já tem um projeto: quer ajudar a construir moradia para um monte de gente e quer, principalmente, construir o seu próprio lar. Minha querida companheira, você precisa fazer todo o esforço que você precisa para você vencer essa batalha, Virgínia, porque a luta... a vida é



muito difícil, mas quem não luta tem muito mais dificuldade do que as pessoas que lutam.

Eu queria ler essas duas cartas porque simbolizam aquilo que eu vou contar para vocês agora. Na verdade, se todo governante de uma cidade, de um estado ou de um país resolvesse colocar parte do dinheiro público para cuidar dos pobres, o País seria menos pobre, a gente teria menos pobres, as empresas produziriam mais, o comércio venderia mais. Eu não sei quem foi o ignorante que um dia resolveu achar que o Brasil poderia conviver com 10% altamente ricos, com uma classe média de 30% e com o restante da sociedade sem ter sequer o que comer.

Se você fosse um economista, um doutor formado em qualquer universidade do exterior, você saberia que essa lógica é perversa até para os interesses dos grandes empresários capitalistas de qualquer país do mundo. Porque quanto mais gente ganhar, mesmo que seja um pouco, mais gente vai consumir, mais o comércio vai vender, mais a indústria vai produzir, mais empregos vai gerar, mais salário vai gerar e a roda da economia vai se desenvolvendo sem que a gente tenha preocupação.

Noutro dia eu estava pensando, quando eu vejo a Mega-Sena. Eu vejo todo mundo, até lá em casa, a Marisa fica com *frisson*: “Ô benzinho...” Não é benzinho; amor. “Amor, a Mega-Sena está com 36 milhões”. Esses dias foram 50 e poucos milhões. “Ah, se eu ganhasse aquilo”. Todo mundo sonha. Imagine se, em vez de a gente distribuir 56 milhões para uma pessoa só, a gente pegasse 56 milhões e distribuísse para um monte de pessoas. Você, na verdade, em vez de ter um cara rico com uma conta no banco, você ia ter um monte de gente remediada, comprando o que comer no supermercado, comprando o que vestir, e a economia iria gerar... ia girar muito mais e iria possibilitar melhoria da qualidade de vida.

Ainda tem gente que critica o Bolsa Família, e eu acho normal. Eu atingi uma idade, que eu não tenho mais o direito de me ofender com essas coisas.



Alguns dizem assim: “O Bolsa Família é uma esmola, o Bolsa Família é assistencialismo, o Bolsa Família é demagogia”. E vai por aí afora. Tem gente tão imbecil, tão ignorante, que ainda fala: “O Bolsa Família é para deixar as pessoas preguiçosas, porque quem recebe Bolsa Família não quer mais trabalhar”. A ignorância é de tal magnitude que as pessoas pensam que um ser humano vai ganhar R\$ 85 e vai deixar de ter perspectiva de ganhar os 616 que a Mônica vai ganhar, tendo um trabalho decente. As pessoas que pensam que o Bolsa Família é isso, são as mesmas que acham que um cara mora em um barraco na favela porque quer; as pessoas que acham que o povo é pobre porque é vagabundo, porque não quer trabalhar, porque não quer estudar. Ou seja, essa forma simplista de ver as coisas não permite que sequer esse ignorante lembre que o Brasil é dividido entre as pessoas que tiveram oportunidade e as pessoas que não tiveram oportunidade; as pessoas que puderam frequentar boas escolas e as pessoas que não tiveram chance de frequentar sequer uma escola; ou outras que não tiveram chance sequer de concluir o curso em que estavam se formando.

Mas este país está dando uma lição ao mundo porque pela primeira vez na história do Brasil, e não sei se na história do mundo, o Brasil tem um Presidente da República e um Vice-presidente da República que não têm diploma universitário. Nem eu e nem o José Alencar somos doutores. Ele nasceu 15 anos antes de mim e percorreu um caminho: virou um empresário muito rico. Mas antes de ser rico, ele saiu de casa com 14 anos, dormiu em banco de praça, dormiu em corredor de hotel, lavava a sua própria roupa, vendeu coisa em tudo que é lugar deste país até virar esse patrimônio moral que é o nosso companheiro José Alencar. Porque era a pessoa que nasceu... poderia não ter dado certo. Da mesma forma eu. Eu poderia não ter dado certo. Nasci em Garanhuns, onde uma criança que não morre até os cinco anos de idade, pode chegar a presidente da República como eu cheguei. Mas o fato de o Brasil ter o José Alencar e eu na Presidência não é uma convocação para as



peças não estudarem porque podem chegar à Presidência. Pelo contrário, todos têm que estudar o máximo que puderem estudar porque, cada vez mais, o mundo vai depender das pessoas mais inteligentes, que têm o conhecimento.

Mas, o que eu quero dizer com isso? É que chegar onde nós chegamos, desperta na consciência de cada mulher que está aqui, de cada homem que está aqui, do mais simples, aquele que pegou o seu diploma agora, que o mundo para ele não tem limite. Basta que ele acredite nele, porque tudo acontece na nossa vida a partir da nossa disposição de assumir a nossa vontade e fazer acontecer as coisas que têm que acontecer.

Muitas vezes, a gente fica chorando: “Ah, porque eu sou pobrezinho, porque eu não tive oportunidade”. A gente tem que procurar as coisas. E eu conheço bem, porque todas as vezes que eu vou a um movimento ou a um ato qualquer, eu vejo o drama das pessoas, e eu penso: eu já vivi isso, eu já passei por isso. E é exatamente por já ter passado por tudo o que passam milhões de brasileiros, é que eu fico inconformado de a gente não fazer muito mais do que a gente está fazendo, para que a gente apresse a subida de degrau na vida das pessoas mais pobres do País. Ora, se a gente ajudar os mais pobres, não é o empresário que vai perder, porque vejam o milagre que está acontecendo aqui. Quanto custou dar o orgulho profissional a essas pessoas que se formaram? Quanto custou mil alunos, dois mil alunos? É nada, é nada, é quase nada para o governo e quase nada para o empresário, e o ganho é extraordinariamente alto, porque a gente passa, em vez de ter cidadãos de segunda classe, a gente conquista homens e mulheres de primeira classe, que vão, agora, poder escolher o seu emprego, trabalhar onde quiserem e até trabalhar por conta própria, se quiserem. Não tem conquista mais importante do que essa. Lamentavelmente, lamentavelmente, leva tempo para a gente fazer as pessoas compreenderem as coisas que a gente tem que fazer para a parte mais pobre da sociedade. Leva tempo, porque o pobre, além de ser pobre, é vítima de um preconceito incansável. Eu diria que não tem nem como



a gente medir o preconceito que a maioria do povo tem.

E eu quero dizer para vocês que hoje eu tenho consciência de que, daqui para a frente, a gente pode fazer, em menos tempo, mais do que a gente fez em quatro ou cinco anos, porque nós já temos mais conhecimento, nós já temos mais experiência, o povo já levantou um pouco mais a cabeça. Eu não sei se todo mundo compreende a autoestima de uma companheira pegar a carteira profissional assinada.

O Brasil, Patrus, passou quase 20 anos em que carteira assinada não tinha valor, porque não tinha emprego. Não sei se vocês lembram, os mais velhos devem lembrar, que até a década de 70, a gente tinha na porta da fábrica: “Precisa-se de empregado, precisa-se de pedreiro, de pintor, de eletricitista, de encanador, de torneiro, de faxineiro, de escriturário, de secretária”. Naquele tempo não tinha computador, então não precisava de gente formada em computação. Nós passamos 20 anos em que essas placas desapareceram das paredes das empresas. Pode andar no distrito industrial de Belo Horizonte, acabaram as placas. Agora, começa a faltar engenheiro, começa a faltar azulejista, começa a faltar eletricitista, começa a faltar uma série de profissões que, há 20 anos, a gente tinha em excesso. É verdade que muita gente parou de trabalhar, desanimada porque não tinha mais emprego e foi trabalhar na economia informal, foi fazer alguma coisa na vida. Eu vou dar, Patrus, para você ficar mais animado ainda... O programa Luz para Todos. Quando a gente faz o programa Luz para Todos, um homem, uma mulher ou uma criança, que nasceu no centro de Belo Horizonte, e que nunca viu faltar luz, ele não sabe o que é. Ele não tem noção do drama, do que é uma mulher cozinhar no fogão de lenha com uma boca só, à luz de um candeeiro, costurar à luz de um candeeiro, fazer comida à luz de um candeeiro.

Quando nós ligamos o Luz para Todos na casa de uma mulher, a expressão dela, lá no Ceará: “Eu nunca tinha conseguido ver o meu filho dormindo”. Isso, para nós que nascemos na cidade, não eu, que nasci em



Caetés, isso parece uma coisa banal, mas quando você liga um botão de luz na casa de uma pessoa, você está pegando ela do século XVIII e trazendo para o século XXI. É como se ela tivesse entrado na máquina do tempo.

E o que aconteceu no milagre do Luz para Todos? Nós completamos 2 milhões e 20 mil residências que receberam o Luz para Todos. Atendemos 10 milhões de pessoas. Sabem o que aconteceu? Oitenta e três por cento dos beneficiários compraram televisão, 79% compraram geladeira e 47% compraram aparelhos de som. Eu vou dar o número para vocês do que aconteceu de 2004 para cá. O pessoal do programa Luz para Todos comprou 1 milhão e 578 televisores, comprou 1 milhão e 420 mil geladeiras e comprou 978 aparelhos de som. Vejam o que isso fez girar na economia de um dono de uma fábrica que produz televisão, que nem sabia que o comprador era uma pessoa do programa Luz para Todos.

Agora, vejam este ato aqui. Este ato aqui, como diz o Patrus, não é um ato grandioso, é um ato pequeno. É um programa que teve dificuldades iniciais, porque um programa é como um motor de um carro: se está um pouco encrascado, ele demora para pegar. Este programa demorou para pegar, mas agora ele pegou, e cabe aos prefeitos ajudarem, cabe aos prefeitos ajudarem, porque quem sabe onde é que estão as pessoas necessitadas são os prefeitos das cidades, que estão mais próximos das pessoas. Da parte do governo federal, nós não mediremos esforços para colocar o dinheiro, e eu tenho certeza que os empresários também irão contribuir, porque qualquer centavo que eles gastarem, na hora de pegar um profissional qualificado, eles vão ganhar em dobro aquilo que eles investiram.

Se a gente não fizer isso... e eu fui agora a Campina Grande lançar uma escola técnica. Uma menina de 16 anos foi abandonada pela mãe quando ela tinha 13, foi abandonada pelo pai, foi morar com a tia e foi abandonada pela tia. Ou seja, essa menina, ela estava no fio da navalha para cair naquilo que se chama banalmente de “vida fácil”, quando, na verdade, é a vida mais difícil que



uma pessoa pode levar. Essa menina viu um anúncio de que ia ter uma escola técnica, e que tinha uma bolsa de estudos de R\$ 180 oferecida pelas escolas técnicas. Essa menina entrou na escola há dois anos e, em vez deste país ter ganho uma prostituta a mais, este país ganhou uma cidadã a mais, formada profissionalmente para ter emprego e viver com dignidade.

A sensação que vocês sentiram ao pegar o diploma de vocês, posso dizer para vocês que eu senti quando peguei o diploma do Senai. Aliás, vocês viram quando eu recebi o meu diploma de Presidente. Certamente, eu estava tão ou mais emocionado do que vocês, porque quando vocês conquistaram esse diploma é a demonstração de que vocês resolveram dar um passo adiante na vida de vocês.

Tanto a Mônica como a Virgínia poderiam ficar em casa chorando: “Ah, eu sou mãe solteira, eu ‘não sei das quantas’, eu não tenho emprego”. Em vez de ficar chorando, as duas, sabedoras das responsabilidades que tinham, de que os filhos estavam colocados no mundo e de que era preciso cuidar deles, em vez de procurar qualquer via tortuosa para cuidar dos filhos, vocês foram procurar se formar profissionalmente.

E eu acho que isso deve ser uma marca que deve servir para todas as mulheres do mundo: a maior independência da mulher – prestem atenção – a maior independência da mulher... Pobre da mulher que ficar em casa dependendo da bondade do marido para lhe dar um dinheirinho para ela comprar uma coisa. Pobre da mulher. A mulher, ela tem que ficar com o marido porque ela gosta dele, porque ela ama ele. Ela não pode ficar porque, no final do mês, ele vai colocar o feijãozinho dentro de casa, ele vai dar um dinheirinho para comprar um chinelo. O que vai dar orgulho em vocês é o dia em que vocês trabalharem, que chegarem em casa, se o marido brigar com vocês, vocês falarem: “Escuta aqui, ô cara, escuta aqui. Eu estou casada com você não é pelo teu dinheiro, não. Eu não preciso do seu dinheiro porque eu ganho o meu dinheiro”. E, por isso, a formação das mulheres é imprescindível. Se você



pegar pesquisa de qualquer país, em que as mulheres têm uma alta qualidade de formação, vocês vão perceber que as mulheres sofrem menos do que aquelas mulheres que dependem, única e exclusivamente, da renda do marido.

Portanto, eu queria, Mônica e Virgínia, e os outros companheiros que receberam o diploma, eu queria dizer para vocês: pensem no que aconteceu na minha vida. Eu saí de Pernambuco com sete anos de idade, eu vim para São Paulo em busca de um pai que já tinha se casado com outra mulher, eu cheguei aqui em São Paulo com oito... minha mãe com oito filhos, atrás de um pai que já tinha mais quatro com outra. Minha mãe, por orgulho, se separou do meu pai, nenhum trabalhava, foi morar sozinha, foi morar sozinha, e ela nunca mais voltou. Depois ela foi para a capital, arrumou um emprego. Quando eu entrei no Senai, foi o maior orgulho da vida dela, e eu, do Senai, fui o primeiro a ter uma casa, a ter um carro, a ter uma televisão. Por conta disso, eu ganhava um salário melhor, entrei no Sindicato e hoje, alguém que nasceu como vocês, que era igual a vocês e que não desanimou nunca, chegou à Presidência da República deste país. Esse exemplo é para vocês levantarem a cabeça. Levantarem a cabeça, porque não existe nada, nada que obrigue um ser humano a abaixar a cabeça, mesmo na adversidade. A vida é muito curta, e a vida será do jeito que a gente quiser, a vida será do jeito que a gente quiser conquistar.

Eu acho, companheiro Patrus, Prefeito, esses companheiros e essas mulheres que estão se formando são quase como uma bandeira para a gente carregar por outros locais pobres e mostrar para as pessoas: levantem a cabeça, nós vamos estender a mão, mas vai depender da autoestima de vocês. E vocês hoje, para mim, simbolizam a autoestima que todo homem e que toda mulher têm que ter, porque somente assim a gente vai vencer na vida.

Que Deus abençoe cada um de vocês, que dê força a vocês, para que a gente possa melhorar, cada vez mais, este nosso querido país.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Um beijo, um abraço e bom final de semana para todos vocês.

(\$211A)